

A decorative border with a repeating floral and leaf pattern surrounds the central text.

CLÁSICOS
DE TODOS OS
TEMPOS

CHARLES PERRAULT

CLÁSSICOS
DE TODOS OS
TEMPOS

Tradução

Fabio Teixeira e Karla Lima



Ciranda Cultural

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Titulo original <i>Tales of passed times</i>	Produção e projeto gráfico Ciranda Cultural
Texto Chales Perrault	Ilustrações Beatriz Mayumi
Tradução Fabio Teixeira /Karla Lima	Imagens Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P454c Perrault, Charles, 1628-1703

Clássicos de todos os tempos / Charles Perrault ; ilustrado por Beatriz Mayumi ; traduzido por Fabio Teixeira, Karla Lima. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2019.
128 p. ; 16cm x 23cm.

Tradução de: Tales of passed times
Inclui índice.
ISBN: 978-85-380-9185-1

1. Literatura infantil. 2. Contos de fadas. I. Teixeira, Fabio. II. Lima, Karla. III. Mayumi, Beatriz. IV. Título.

2019-1812

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93

1ª edição em 2019

www.cirandacultural.com.br

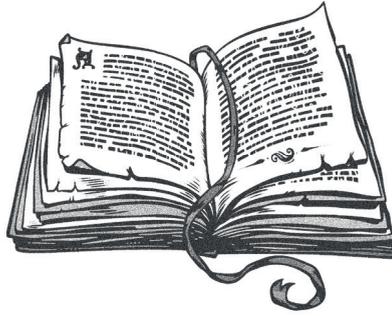
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

A BELA ADORMECIDA	7
A BELA E A FERA	17
A PRINCESA ROSETTE	33
A RÃ BONDOSA.....	51
AS FADAS	77
BARBA AZUL	81
CHAPEUZINHO VERMELHO	89
GINDERELA	93
O GATO DE BOTAS.....	103
PEQUENO POLEGAR.....	109
RIQUET DO TOPETE.....	121





A BELA ADORMECIDA

Era uma vez um rei e uma rainha que eram muito infelizes por não terem filhos, mais infelizes do que palavras podem descrever. Promessas, peregrinações, eles tentaram de tudo, mas sem nenhum resultado. Com o tempo, porém, tiveram uma filhinha.

O batizado foi magnífico. Foram escolhidas como madrinhas para a princesa, todas as fadas que puderam ser encontradas no país, elas eram sete, para que cada uma concedesse um dom à princesa, segundo o costume daquela época, a fim de que ela tivesse todas as perfeições imagináveis. Após a cerimônia, todos retornaram ao palácio do rei, onde um grande banquete havia sido preparado para as fadas. A mesa foi posta de forma magnífica para elas, e o lugar de cada uma estava marcado com um estojo de ouro maciço contendo uma colher, um garfo e uma faca de ouro puro, ornamentados com diamantes e rubis.

Porém, enquanto elas se sentavam, chegou uma velha fada, que não tinha sido convidada, pois pensavam que ela estivesse morta ou enfeitada, visto que não saía da torre onde vivia por mais de cinquenta anos. O rei ordenou que fosse arranjado um lugar para ela à mesa, mas já não havia possibilidade de lhe dar um estojo de ouro maciço como o das outras, pois apenas sete haviam sido feitos especialmente para as sete fadas. A velha fada julgou que foi tratada com desprezo e murmurou palavras de ameaça entre os dentes. Uma das jovens fadas, que estava ao

CHARLES PERRAULT

lado dela, ouviu seus resmungos e temeu que ela pudesse lançar algum feitiço contra a jovem princesa. Por isso, assim que elas se levantaram da mesa, ela correu e se escondeu atrás das cortinas. Ela seria a última a falar e poderia reparar, o máximo que pudesse, qualquer mal que a velha fada viesse a fazer. Enquanto isso, as fadas começaram a conceder seus dons à princesa. A mais jovem lhe prometeu que ela seria a mulher mais bonita do mundo; a segunda fada, prometeu que ela teria a mente de um anjo; a terceira, prometeu que cada movimento seu seria gracioso; a quarta, prometeu que ela dançaria com perfeição; a quinta, prometeu que ela cantaria como um rouxinol; a sexta, prometeu que ela tocaria qualquer instrumento da forma mais bela possível. Então chegou a vez da velha fada. Balançando a cabeça mais de perversidade do que de velhice, ela disse que a princesa furaria a mão numa roca de fiar e morreria com a ferida.

O país inteiro estremeceu ao ouvir aquele terrível presságio, e todos começaram a chorar. Naquele momento, a jovem fada saiu de trás das cortinas e falou alto para todos ouvirem:

– Fiquem tranquilos, rei e rainha; sua filha não morrerá dessa ferida. De fato, não tenho poder o bastante para desfazer completamente o que a fada anciã predisse. A princesa furará a mão numa roca de fiar, mas em vez de morrer, apenas cairá num sono profundo que durará cem anos, e então o filho de um rei virá para despertá-la.

O rei, na esperança de impedir o infortúnio predito pela velha fada, imediatamente emitiu um decreto proibindo todos, sob pena de morte, de usar ou possuir uma roca de fiar.

Quinze ou dezesseis anos depois, o rei e a rainha foram para uma de suas casas de campo, e a princesa começou a correr no castelo, subindo as escadas e indo de um aposento a outro, até chegar a um sótão no topo de uma torre onde uma simpática senhora fiava sozinha, pois nunca tinha ouvido falar sobre o decreto do rei que proibia o uso da roca.

– O que a senhora está fazendo? – perguntou a princesa.

– Estou fiando, bela mocinha – respondeu a velha, que não conhecia a princesa.

– Que bonito! – exclamou a princesa. – Como é que se faz? Deixe-me tentar para ver se consigo também.

GLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

Ela mal tinha se sentado à roca quando, apressada e quase inconscientemente, como a velha fada havia predito, furou a mão na agulha e desmaiou. A pobre velha ficou apavorada e pediu por socorro. Pessoas vieram correndo de todos os aposentos; elas jogaram água no rosto da princesa, soltaram os laços de seu vestido, bateram nas suas mãos, esfregaram suas têmporas com água de colônia, mas nada a fez voltar a si. O rei, que correu para lá com o barulho, lembrou-se do presságio e concluiu sabiamente que aquele era o acidente que a fada tinham predito. Ele ordenou que levassem a princesa a um belo aposento do palácio e deitassem em uma cama adornada com prata e ouro. A princesa parecia um anjo, de tão bela a sua aparência, pois sua face não havia perdido as cores vibrantes com o desmaio; suas maçãs do rosto ainda estavam rosadas e seus lábios eram como coral. Apenas seus olhos estavam fechados, mas ela ainda respirava suavemente, mostrando que não estava morta.

O rei ordenou que a deixassem dormir ali tranquila, até chegar sua hora de ser despertada. A boa fada que havia salvado sua vida, determinando que ela dormisse por cem anos, estava no reino de Mataquim, a doze léguas de distância, quando a princesa sofreu o acidente, mas foi informada no mesmo instante por um anãozinho que calçava botas de sete léguas, que permitem percorrer sete léguas a cada passo.

A fada partiu no mesmo instante, e uma hora depois chegou em uma carruagem de fogo puxada por dragões.

O rei estendeu-lhe o braço para ajudá-la a sair da carruagem. Ela aprovou tudo que o rei tinha feito, mas como era muito previdente, ponderou que a princesa se sentiria muito perdida e assustada ao despertar e se ver sozinha no velho castelo; então, fez o seguinte: com sua varinha de condão, ela tocou todos que estavam no castelo, exceto o rei e a rainha: governantas, damas de honra, camareiras, escudeiros, oficiais, mordomos, cozinheiros, copeiros, rapazes, guardas, carregadores, pajens, lacaios; também tocou os cavalos que estavam nos estábulos com seus cavaleiros, os grandes cães de guarda no pátio e a pequena Fifi, a cachorrinha de estimação da princesa, que estava na cama ao seu lado. Assim que ela os tocava, eles adormeciam, para acordarem apenas quando chegasse a hora de sua ama despertar, a fim de estarem todos prontos para servi-la quando ela precisasse. Até os espetos que estavam no fogo, cheios de perdizes e

CHARLES PERRAULT

faisões, e até o próprio fogo, adormeceram. Tudo isso foi feito rapidamente, pois as fadas nunca perdiam muito tempo em seu trabalho.

O rei e a rainha beijaram sua filha, que ainda dormia, saíram do castelo e emitiram um decreto proibindo qualquer pessoa, não importava quem fosse, de se aproximar dali. Essa ordem não era necessária, pois em um quarto de hora cresceu ao redor do parque um grande número de árvores, grandes e pequenas, bem como espinheiros tão emaranhados que nenhum homem ou animal selvagem podia atravessar. Além disso, nenhuma parte do castelo ficou visível, exceto os topos das torres, e mesmo assim somente de uma grande distância. Ninguém duvidava que aquilo também era trabalho da fada, para que a princesa ficasse protegida de curiosos durante seu longo sono.

Quando os cem anos passaram, o filho do rei que reinava na época, de uma família diferente da família da princesa adormecida, estava caçando nos arredores e quis saber o que eram as torres que ele havia visto acima das árvores de um bosque tão denso. Cada um contou a história que tinha ouvido falar. Alguns disseram que era um velho castelo assombrado por fantasmas; outros, que todas as bruxas do país celebravam ali suas cerimônias noturnas. Mas a maioria das pessoas dizia que o castelo era o lar de um ogro que levava para lá todas as crianças que capturava, a fim de comê-las tranquilamente e sem ser incomodado, pois só ele tinha o poder de atravessar o bosque.

O príncipe não sabia em que história acreditar, quando então um velho camponês falou:

– Príncipe, há mais de cinquenta anos meu pai disse que nesse castelo vivia a princesa mais bela que ele já tinha visto; ela deveria dormir durante cem anos e ser despertada pelo filho de um rei, a quem ela aguarda e está destinada.

Ao ouvir essas palavras, o jovem príncipe ficou extasiado. Ele não duvidou nem por um instante que era ele o escolhido para concluir essa famosa aventura. Impelido pelo amor e pela glória, ele decidiu, sem hesitar, ver qual seria o resultado.

Assim que se aproximou do bosque, todas aquelas árvores e espinheiros abriram caminho para ele passar. O príncipe caminhou em

GLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

direção ao castelo, que se situava no final de uma longa avenida em que ele tinha entrado, e ficou um tanto surpreso ao ver que nenhum de seus acompanhantes pôde segui-lo, pois as árvores fechavam novamente o caminho assim que ele passava. Mesmo assim, ele seguiu seu caminho; um jovem príncipe, inspirado pelo amor, sempre é corajoso. Ele chegou a um grande pátio, onde tudo o que viu quase congelou seu sangue de tanto pavor. Um silêncio mórbido reinava ali; a morte era onipresente; em toda parte, só se viam corpos de pessoas e animais estirados, aparentemente sem vida. Ele logo descobriu, no entanto, vendo os narizes brilhantes e as faces ruborizadas dos carregadores, que estavam apenas dormindo; em seus cálices ainda restavam algumas gotas de vinho, dando provas suficientes de que adormeceram enquanto bebiam.

Ele então atravessou um grande pátio de mármore, subiu a escadaria e entrou na sala da guarda, onde os guardas permaneciam em pé, enfileirados, com suas carabinas nos ombros e roncando bem alto. Ele percorreu diversos aposentos com homens e mulheres adormecidos, alguns de pé, outros sentados. Por fim, o príncipe entrou em um aposento revestido de ouro, e numa cama cujas cortinas estavam abertas de ambos os lados, ele deparou-se com a cena mais bela que já tinha visto: uma princesa, aparentando ter quinze ou dezesseis anos, cuja esplêndida beleza radiava tanto que mal parecia pertencer a este mundo. Ele se aproximou, trêmulo e admirado, e se ajoelhou ao seu lado.

Naquele momento, o feitiço foi quebrado e a princesa acordou. Avistando o príncipe e olhando para ele com uma ternura inesperada, ela disse: – É você, príncipe? Estou há muito tempo esperando a sua chegada. – O príncipe, encantado com essas palavras, e ainda mais com o tom em que foram ditas, não sabia como expressar sua alegria e gratidão. Ele declarou que amava mais a ela do que a si próprio. Suas palavras foram confusas, porém deixaram a princesa mais do que encantada; o príncipe não era eloquente, mas tinha um enorme amor. Ele era muito mais acanhado que ela, o que não é de se admirar. A princesa teve tempo de pensar o que deveria dizer para ele, pois há motivos para crer, embora a história não mencione, que durante seu longo sono, a boa fada lhe permitiu ter sonhos muito agradáveis. Em resumo, eles conversaram

CHARLES PERRAULT

durante quatro horas sem dizer metade das coisas que tinham para dizer um ao outro.

Enquanto isso, todo o palácio havia despertado ao mesmo tempo em que a princesa. Todos se lembravam de seus deveres, e como não estavam apaixonados, estavam morrendo de fome. A dama de companhia, faminta como todos os outros, ficou impaciente e anunciou em alta voz para a princesa que a carne estava na mesa. O príncipe ajudou a princesa a se levantar; ela estava vestida de modo magnífico, mas ele tomou o cuidado de não lhe dizer que as roupas dela pareciam com as de sua avó e que sua gola estava para cima, mas isso não diminuía em nada sua beleza.

Eles entraram em um salão de espelhos, onde jantaram, auxiliados pelos oficiais da princesa. Os violinos e oboés tocaram músicas antigas, mas graciosas, embora os instrumentos não eram tocados havia cem anos. Após o jantar, sem perder tempo, o capelão celebrou o casamento dos amantes régios na capela do castelo.

Na manhã seguinte, o príncipe retornou à cidade, onde sabia que seu pai estaria preocupado esperando por ele. O príncipe lhe contou que se perdeu na floresta enquanto caçava, e que havia dormido na cabana de um lenhador, que lhe havia dado pão de centeio e queijo para comer.

Seu pai, o rei, que era um homem ingênuo, acreditou na história, mas sua mãe não se satisfaz tão facilmente. Ela notou que ele passou a sair quase todos os dias para caçar, e sempre tinha uma história pronta como desculpa. Certa vez, quando o príncipe passou duas ou três noites longe de casa, sua mãe teve certeza de que ele tinha uma amante. Mais de dois anos se passaram e a princesa teve dois filhos, uma menina e um menino. A primogênita se chamava Aurora, e o menino se chamava Dia, pois era ainda mais bonito que sua irmã.

A rainha, querendo descobrir a verdade sobre seu filho, sempre lhe dizia que ele deveria encontrar uma noiva, mas ele nunca ousou confidenciar-lhe seu segredo. O príncipe amava sua mãe, mas também a temia, pois ela era da descendência de ogros, e o rei havia se casado com ela só por causa de suas grandes riquezas. Havia até rumores no palácio de que ela tinha inclinações de ogra, e que quando via criancinhas passando,

CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

tinha de se conter, com grande dificuldade, para não atacá-las. Por isso, o príncipe nunca lhe contou uma única palavra sobre o que ele fazia.

Porém, dois anos depois, quando o rei morreu, o príncipe, agora sendo seu próprio amo, anunciou publicamente seu casamento e, com grande pompa, trouxe a rainha, sua esposa, ao palácio. Ela fez uma entrada triunfante na capital, trazendo seus dois filhos, um de cada lado.

Algum tempo depois, o rei foi guerrear com seu vizinho, o imperador Cantalabute. Ele deixou a rainha, sua mãe, como regente, recomendando-lhe seriamente que cuidasse de sua esposa e de seus filhos. Ele deveria passar o verão todo no campo, e mal tinha partido quando a rainha-mãe mandou sua nora, junto com os filhos, a uma casa de campo no bosque, para poder saciar seu terrível desejo mais facilmente. Ela foi para lá alguns dias depois, e certa tarde disse para seu cozinheiro-chefe:

– Amanhã comerei a pequena Aurora no jantar.

– Ah, senhora! – exclamou o cozinheiro.

– Farei isso – disse a rainha com a voz de uma ogra faminta por carne fresca –, e a quero servida com meu molho favorito.

O pobre homem, vendo claramente que não se brincava com uma ogra, pegou seu facão e foi ao quarto da pequena Aurora. Ela tinha na época uns quatro anos, veio saltitante e sorrindo abraçá-lo e lhe pediu doces. Ele irrompeu em lágrimas, e o facão caiu de suas mãos; então voltou ao terreiro e matou um cordeirinho, o qual serviu com um molho tão delicioso que sua ama lhe garantiu nunca ter comido nada tão excelente. Enquanto ela comia, ele pegou a pequena Aurora e a entregou à sua esposa, para que ela a escondesse no alojamento que ocupava no fundo do terreiro. Uma semana depois, a rainha má disse ao cozinheiro-chefe:

– Quero comer o pequeno Dia no jantar.

Ele não respondeu, decidindo em sua mente enganá-la como antes.

Ele saiu à procura do pequeno Dia, e o encontrou com um pequeno florete na mão, lutando com um macaco, embora tivesse apenas três anos de idade. O cozinheiro levou o menino para sua esposa, que o escondeu junto com sua irmã, e então cozinhou um cabritinho muito macio no

CHARLES PERRAULT

lugar do pequeno Dia. A ogra achou o prato incrivelmente bom. Tudo ia bem até então, mas uma tarde a rainha-mãe disse ao cozinheiro-chefe:

– Gostaria de comer a rainha com o mesmo molho das crianças.

O pobre cozinheiro ficou apavorado, pois não sabia como conseguiria enganá-la. A jovem rainha tinha pouco mais de vinte anos, sem contar os cem anos que havia dormido, e sua pele já não era tão macia, embora ainda fosse branca e bela. E onde, entre todos os animais, o cozinheiro encontraria um com a idade dela para ocupar seu lugar?

Por fim, ele decidiu, para salvar sua própria vida, que mataria a rainha, e então foi ao quarto dela, determinado a cumprir seu dever sem demora. Ele reuniu sua coragem e entrou no quarto da jovem rainha empunhando sua adaga. O cozinheiro não queria, porém, apanhá-la de surpresa, então lhe repetiu com muito respeito, a ordem que tinha recebido da rainha-mãe.

– Faça seu dever – ela disse, oferecendo seu pescoço. – Obedeça às ordens que lhe foram dadas. Eu verei novamente meus filhos, meus pobres filhos, a quem amei tanto – completou, achando que eles estavam mortos desde que foram levados dela sem nenhuma explicação.

– Não, não, senhora! – respondeu o pobre cozinheiro consternado. – A senhora não morrerá, e ainda verá seus filhos novamente, mas será na minha casa, onde os escondi; enganarei a rainha-mãe novamente servindo-lhe uma corça em seu lugar.

Ele imediatamente a levou à sua casa e, deixando-a abraçar seus filhos e chorar com eles, preparou uma corça, a qual a rainha comeu no jantar com tanto apetite como se fosse a jovem rainha. Ela se alegrou com sua crueldade, e pretendia contar ao rei, quando ele voltasse, que lobos vorazes haviam devorado sua esposa, a rainha, e seus dois filhos.

Certa tarde, como de costume, enquanto perambulava pelos pátios e terreiros do castelo para farejar carne fresca, a rainha-mãe ouviu o pequeno Dia chorando em um dos quartos inferiores, pois sua mãe, a rainha, queria chicoteá-lo por uma travessura, e ela também ouviu a pequena Aurora pedindo à mãe que perdoasse seu irmão. A ogra reconheceu as vozes da rainha e de seus filhos e, furiosa por ter sido enganada, ordenou, com uma voz que fez todos tremerem, que na

GLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

manhã seguinte levassem ao meio do pátio um grande tacho que ela havia enchido de sapos, víboras, cobras e serpentes, onde deveriam ser lançados a rainha e seus filhos, o cozinheiro-chefe, sua esposa e sua criada. Ela também ordenou que eles fossem levados para lá com as mãos atadas para trás.

Eles estavam ali, e os carrascos se preparavam para lançá-los no tacho, quando o rei, que não era esperado tão cedo, entrou no pátio montado a cavalo. Ele havia galopado velozmente, e perguntou com grande perplexidade o que significava aquele espetáculo horrendo. Ninguém ousou lhe dizer, mas a ogra, enraivecida com o que viu, atirou-se de cabeça no tacho, onde foi devorada no mesmo instante pelos répteis horríveis que ela havia mandado colocar ali. O rei não pôde evitar sentir pena, pois ela era sua mãe; no entanto ele logo se consolou com sua bela esposa e filhos.

Esperar algum tempo por um esposo jovem, belo, rico e gentil pode não ser muito difícil para uma dama a quem o amor feliz tornaria. Mas, por um século, ser destinada a viver só, suponho que o número de belas a encontrar seria pequeno, as quais por tanto tempo dormiriam pacientemente.

Aos amantes que detestam perder tempo e contam os minutos como se fossem séculos, dou um recado: os que se casam depressa podem um dia se arrepender sem pressa. Porém, com ardência seguem adiante, atropelando com ímpeto a prudência. Por isso, não tenho coragem, confesso, de lembrar-lhes do exemplo da Bela.